

Imaginativismo: explorações do impulso utópico dos feminismos da ficção científica e do ativismo do/a leitor/a/escritor/a

Joan Haran

Cardiff University

Resumo

Este artigo introduz o conceito de 'imaginativismo' para conceitualizar as formas pelas quais comunidades interpretativas e ativistas são formadas, inspiradas e/ou revigoradas pela produção cultural ficcional. Em seguida, sugere que o termo "feminismos de ficção científica" é mais fecundo do que "ficção científica feminista", devido a seu foco em um modo de produção do conhecimento que é ao mesmo tempo esperançoso, alegre e crítico, e não em gênero (para)literário. Chama a atenção para a relação genealógica entre as posições de sujeito do/a leitor/a e do/a escritor/a antes de discutir a inspiração oferecida a uma constelação de ativistas da justiça social e ambiental por meio da produção cultural e do ativismo de três mulheres que reconhecemos como feministas de ficção científica: Starhawk; Walidah Imarisha e adrienne maree brown.

Dois estudos de caso do imaginativismo são discutidos brevemente; A adaptação proposta por *Starhawk et al.* do romance *The Fifth Sacred Thing*, de Starhawk, e a antologia de Imarisha e brown, publicada por meio de financiamento coletivo, intitulada *Octavia's Brood: Science Fiction Stories from Social Justice Movements*. Ambas intervenções são contextualizadas dentro de uma rede de trabalho literário e ativista espacial e temporalmente estendida e, assim, atenção é dada para as qualidades iterativas e relacionais do imaginativismo. Concentro-me no extenso trabalho de organização, incluindo o uso do *crowdfunding*, no qual cada uma dessas mulheres se engaja para desenvolver e disseminar visões coletivas de um mundo justo, assim como as habilidades e estratégias necessárias para materializar essa visão. Elas inscrevem leitores/as e escritores/as em suas visões de futuros transformados, e fazem o trabalho de transformar futuros através da organização cotidiana e assente como líderes, participantes e aliadas no movimento social em múltiplas escalas. Sua combinação de atividades pragmáticas e práticas, para fazer com que as coisas se efetivem, com visões de justiça transformadora, bem como sua articulação persuasiva da relevância dessa combinação, sugere que os investimentos utópicos que muitos/as leitores/as sempre tiveram no potencial da ficção científica para mudar a mundo são bem fundamentados.

Palavras-chave

Imaginativismo, Impulso Utópico, Feminismos de Ficção Científica, Justiça Social e Ambiental

Joan Haran é pesquisadora (Marie Skłodowska-Curie Global Research Fellow) junto à Universidade de Cardiff e a Universidade do Oregon. Publicou vários textos nos campos dos estudos feministas de ficção científica e dos estudos culturais feministas da tecnociência. É co-autora de *Human Cloning in the Media: From Science Fiction to Science Practice*, Londres: Routledge, 2008, com Jenny Kitzinger, Maureen McNeil e Kate O'Riordan. Seu livro de autoria única, *Genomic Fictions: Genes, Gender and Genre* será publicado em breve pela University of Wales Press. Sua atual pesquisa, financiada pela Comissão Europeia, usa o conceito de 'imaginativismo' para analisar como comunidades interpretativas e ativistas são formadas, inspiradas e/ou revigoradas pela ficção científica feminista.

Imaginactivism: Explorations of Science Fiction Feminisms' Utopian Impulse and Reader/Writer Activism

Joan Haran

Cardiff University

Abstract

This chapter introduces the concept of 'imaginactivism' to conceptualise the ways in which interpretive and activist communities are formed, inspired and/or reinvigorated by fictional cultural production. It goes on to suggest that the term 'science fiction feminisms' is more fruitful to think with than 'feminist science fiction', because of its focus on a mode of knowledge production that is at once hopeful, joyful and critical rather than on a (para)literary genre. It draws attention to the genealogical relationship between the subject positions of reader and writer before discussing the inspiration offered to a constellation of social and environmental justice activists by the cultural production and activism of three women that I claim as science fiction feminists: Starhawk; Walidah Imarisha and adrienne maree brown.

Two case studies of imaginactivism are discussed briefly; Starhawk *et al's* proposed screen adaptation of Starhawk's novel *The Fifth Sacred Thing* and Imarisha and brown's crowdfunded anthology *Octavia's Brood: Science Fiction Stories from Social Justice Movements*. Both interventions are contextualised within a spatially and temporally extended web of literary and activist labour and attention is thus drawn to the iterative and relational qualities of imaginactivism. I focus on the extensive organizing work, including the use of crowdfunding, in which each of these women engage in order to develop and disseminate *both* collective visions of a just world *and* the skills and strategies required to materialize that vision. They enrol readers, and writers, in their visions of transformed futures, *and* they do the work of transforming futures through grounded everyday organising as leaders, participants and allies in social movement at multiple scales. Their combination of pragmatic, practical commitments to getting things done with visions of transformative justice, as well as their persuasive articulation of the importance of that combination, suggests that the utopian investments that many readers have always had in the potential of science fiction to change the world are well-founded.

Keywords

Imaginactivism, Utopian Impulse, Science Fiction Feminisms, Social and Environmental Justice.

Joan Haran is a Marie Skłodowska-Curie Global Research Fellow at Cardiff University and the University of Oregon. She has published extensively in the fields of feminist science fiction studies and feminist cultural studies of technoscience. She is co-author of *Human Cloning in the Media: From Science Fiction to Science Practice*, London: Routledge, 2008, with Jenny Kitzinger, Maureen McNeil and Kate O'Riordan. Her sole-authored book, *Genomic Fictions: Genes, Gender and Genre* is forthcoming from the University of Wales Press. Her current European Commission-funded research uses the concept 'imaginactivism' to analyse how interpretive and activist communities are formed, inspired and/or reinvigorated by feminist science fiction.

Neste texto eu discuto o entrelaçamento entre ativismo e produção cultural no trabalho de três mulheres que considero como feministas de ficção científica: Starhawk, Walidah Imarisha and adrienne maree brown. Escrevo a partir de meu atual projeto de pesquisa financiado pela Comissão Europeia, mas o projeto em si emerge de mais de vinte e cinco anos de pesquisa sobre (e com) ficção científica feminista – pesquisa que sempre foi motivada por meus próprios investimentos utópicos. Considero essas mulheres e os trabalhos que discuto neste capítulo profundamente inspiradores e quero compartilhar essa inspiração com outras pessoas.

Começo explicando os termos do título, primeiramente, introduzindo o conceito de imaginativismo. Então, explico porque acho que é útil passarmos da ficção científica feminista para os feminismos de ficção científica. Chamo a atenção para o nexos leitor/a/escritor/a antes de discutir a inspiração e o ativismo de três feministas de ficção científica – Starhawk, Walidah Imarisha and adrienne maree brown.

Desde 2014, venho trabalhando com o termo “imaginativismo” para conceituar as formas pelas quais comunidades interpretativas e ativistas são formadas, inspiradas e/ou revigoradas pela produção cultural ficcional. Para mim, o conceito de imaginativismo oferece uma outra maneira de pensar e/ou explicar o que eu entendo como o impulso utópico – o desejo de avançar para uma utopia concreta ou cotidiana (Cooper, 2014) – e sua expressão. Eu cunhei o termo estrategicamente, mas, apropriadamente, ele parece capturar a imaginação das pessoas. Acredito que as pessoas que leem ou ouvem esse neologismo tentam imediatamente entendê-lo, imaginando se é um substantivo descritivo ou uma injunção: “Imagine o ativismo!” O jogo dos significados disponíveis pode inclinar-se mais para a imaginação ou para o ativismo, mas essa palavra composta destina-se a incorporar o seu entrelaçamento; um entrelaçamento que muitas vezes não é (re)marcado? As instanciações do imaginativismo nas quais me concentro em minha pesquisa estão sob a égide dos feminismos de ficção científica, mas a relação de processo entre imaginação e ativismo obviamente se estende muito além desse campo.

Em trabalho anterior sobre utopia, lidei com a definição de “lutar para sempre”, tirada do romance *Pacific edge*, de Kim Stanley Robinson, para transmitir a sensação de que a utopia é algo que você faz, não simplesmente uma visão estática de um estado ideal (em qualquer sentido da palavra), e imaginativismo é uma cunhagem destinada a fazer um trabalho semelhante. Em *Pacific edge*, a utopia é caracterizada como “o processo de fazer um mundo melhor, o nome de um caminho que a história pode levar, um processo dinâmico, tumultuado e agonizante, sem fim. Lutar

para sempre” (Robinson, 1995, p. 81). Tanto o imaginativismo quanto a caracterização da utopia são parecidos com o uso de “mundanismo”, de Haraway, que se refere aos entrelaçados processos de imaginar/criar mundos e ser imaginada/criada, e imaginado/criado, por mundos (Haraway, 2013).

Um termo alternativo ao impulso utópico ou à utopia entendida como processo é necessário, em parte, porque algumas pessoas, cujos projetos eu consideraria utópicos por causa de seu compromisso com a possibilidade de transformação social, acham a linguagem da utopia alienante. Segundo Ruth Levitas (1997, p. 67), “a utopia concreta incorpora o que Bloch reivindica como a função utópica essencial, a de antecipar e efetuar simultaneamente o futuro”. Muitos/as ativistas – e outros/as feministas da ficção científica – trabalham com essa simultaneidade de antecipação e efetivação, mas recusam o termo *utópico* por causa de sua percepção de que o termo diz respeito a modelos e a um tipo de perfeccionismo que está em desacordo com seu modo aberto e provisório de experimentar formas alternativas de vida em relação às formas dominantes.

Imaginativismo é uma palavra composta de *imaginar* e *ativismo*, destinada a conotar o processo de relacionamento entre imaginar e agir para fazer mudanças no mundo. A cunhagem destina-se a sinalizar uma relação positiva e eficaz entre criar e compartilhar visões de um mundo melhor, que é possível, e ser movido/a por essas visões para realizar ações práticas; sugere que valorizemos a imaginação como o processo ativo de elaboração de uma visão que necessariamente acompanha uma ação no mundo; compartilhando-a com (e em) uma comunidade de ideias. A temporalidade desse relacionamento pode variar. Nossas visões compartilhadas podem emergir das ações que tomamos, ou podem coexistir ou ser cocriadas, mas o ponto importante é que não consideramos a prática de imaginar como simplesmente escapar ou fugir do mundo. Eu posicionei meu trabalho sobre imaginativismo no jogo de cama de gato que Haraway identificou variadamente com “Estudos da Ciência, Teoria Feminista, Estudos Culturais” (1994); “Ficção Científica, Fabulação Especulativa” (2011) e outras variantes do que Katie King chama de feminismos da ficção científica (Haran; King, 2013). Como observa Haraway (1994, p. 62):

O ponto é, em suma, fazer uma diferença – por mais modesta que seja, ainda que parcialmente, por mais que não haja garantias narrativas ou científicas. Em tempos mais inocentes, há muito tempo, esse desejo de ser mundano era chamado de ativismo. Eu prefiro chamar esses desejos e práticas pelos nomes de toda a gama aberta de projetos de tecnociência feministas, multiculturais e antirracistas.

Davina Cooper (2014, p. 2) argumenta:

As utopias cotidianas não se concentram em campanhas ou defesa de direitos. Elas não colocam sua energia em pressionar as instituições tradicionais para mudar, ganhar votos ou assumir estruturas sociais dominantes. Em vez disso, trabalham criando a mudança que desejam encontrar, construindo e forjando novas formas de vivenciar a vida social e política. Como seu foco está na construção de alternativas às práticas dominantes, as utopias cotidianas enfrentam tanto o desrespeito quanto o desdém daqueles/as que, na esquerda, julgam que essa estratégia está deslocada. No entanto, em um momento de considerável pessimismo e incerteza entre radicais sobre o caráter e a realização de mudanças generalizadas, o que isso acarreta e como isso pode ser realizado, o interesse tem aumentado no potencial transformador de iniciativas que buscam a construção de um outro mundo de uma maneira mais aberta, parcial e contingente.

Quando usamos o termo ficção científica feminista, isso inevitavelmente gera uma série de questões, geralmente organizadas em torno de alguma forma de gerenciamento de limites. É realmente ficção científica, ou é ficção especulativa, ou é apenas fantasia? É feminista porque é escrito por feministas, porque é sobre questões feministas, ou apenas porque é escrita por uma mulher? E assim por diante. Talvez o termo feminismos da ficção científica não escape inteiramente à questão do gerenciamento de limites, mas se refere mais a posições de sujeito, à epistemologia ou mesmo à metodologia. Trata-se de ver e tornar o conhecimento sobre o mundo através das lentes do feminismo e da ficção científica, portanto, um feminismo da ficção científica pode – por exemplo – explorar a economia política e a dinâmica de poder da tecnociência contemporânea de maneiras que foram sensibilizadas pela leitura tanto das teorias feministas quanto da ficção científica e/ou de participação em comunidades feministas ou de ficção científica. Então, embora eu esteja interessada no que os textos rotulados como ficção científica feminista têm a oferecer, seja como obras de arte ou como objetos que fazem um trabalho cultural e político interessante em sua circulação, eu também trago meu feminismo da ficção científica para projetos de pesquisa que não necessariamente examinam textos feministas de ficção científica.

Para mim, a utopia cotidiana dos feminismos de ficção científica engloba uma ampla gama de projetos e comunidades que são resolutamente esperançosas – às vezes, até alegres – sem abrir mão da necessidade da crítica. No entanto, o outro mundo que é possível, ou mesmo o outro mundo que já existe na política prefigurativa incorporada no trabalho das figuras-chave que discuto hoje, é o que motiva e organiza suas intervenções, em vez de simplesmente reagir ou protestar contra as

desigualdades e opressões da cultura dominante. Por exemplo, Walidah Imarisha, uma das leitoras/escritoras feministas de ficção científica abordadas neste texto, faz campanha pela libertação de indivíduos específicos presos nos EUA – incluindo Mumia Abu-Jamal – pessoas que ela entende como sendo prisioneiras políticas, injustamente presas por um complexo industrial prisional racista e corrupto, mas sua crítica a essa abordagem do “crime e castigo” emerge de uma visão utópica muito maior da abolição das prisões e de uma sociedade organizada em torno da justiça transformadora.

Eu uso o termo “ativismo leitor/a/escritor/a” no título deste texto porque quero chamar a atenção para a maneira como escritoras e escritores contribuem para os gêneros dos quais são leitoras/es e fazem intervenções como parte de uma conversa prolongada temporalmente e espacialmente – inspirada por (e inspirando) movimentos sociais temporal e espacialmente estendidos – em vez de *ex nihilo*. Levando em consideração a conceituação feita pelos/as teóricos/as da literatura de que, ao completar o trabalho do texto, leitores e leitoras são também escritores e escritoras, o que irei abordar sobre cada uma das escritoras é explicitamente sobre a inspiração que tiraram da leitura da ficção científica feminista ou da escrita da ficção científica feminista. Todas as três, por exemplo, valorizam o trabalho de Ursula Le Guin e de Marge Piercy, mas sua apreciação do trabalho dessas autoras não se limita aos textos explicitamente entendidos como ficção científica. De fato, isso não está ligado apenas à sua apreciação dos textos, mas também às vidas políticas das quais esses textos emergem. Todas as três também trabalham para levar outros leitores e outras leitoras a retomarem ativamente o trabalho de ler, escrever e fazer o trabalho que a ficção científica sugere ser necessário para construir futuros melhores.

Em meu atual projeto de pesquisa, minha intenção inicial era concentrar-me no trabalho que está sendo feito por Starhawk e uma equipe associada de produção para adaptar seu romance de 1993 para a tela. O longo período envolvido na concretização de tal projeto levou-me a acrescentar outro estudo de caso à minha investigação, o da constelação de trabalho em torno da publicação e circulação da coleção de contos *Octavia's Brood* (Imarisha; brown, 2015).

Desde 2011, Starhawk, em colaboração com várias equipes de produção diferentes, vem trabalhando no projeto de levar seu romance *The fifth sacred thing*¹ (1993) para a tela. Um romance ecofeminista que permaneceu continuamente impresso desde 1993, *The fifth sacred thing* imagina uma futura São Francisco que é um modelo de justiça social, racial e ambiental, descrevendo as maneiras pelas quais a população dessa cidade responde e resiste sem violência quando é ameaçada

¹ Em tradução livre: *A quinta coisa sagrada*.

por um exército invasor. Essa sociedade futura desenvolveu um sistema econômico baseado na *caloria*, em que o trabalho de todos/as é igualmente valorizado e não há hierarquias estruturadas em torno de gênero, raça, classe, sexualidade ou quaisquer outras diferenças. Também prioriza a garantia de que toda a população tenha o suficiente para comer e beber ao decidir como distribuir recursos escassos em um futuro em que a mudança climática está avançada. Escolher a não-violência é uma necessidade, bem como uma virtude, porque as pessoas da cidade não podem investir em armas se quiserem criar a boa vida com a qual concordaram. Essa boa vida inclui a eliminação de veículos movidos a combustíveis fósseis e a substituição de estradas e pavimentos por terra e cultivo de alimentos, tornando a irrigação visível – em vez de escondida em dutos subterrâneos – para que a água corrente aumente o bem-estar de São Francisco.

Expliquei alguns dos principais temas do romance porque quero estabelecer conexões com o trabalho de Starhawk como ativista. Por muitos anos, Starhawk foi mais conhecida dentro e fora dos Estados Unidos como uma das cofundadoras da espiritualidade moderna da Deusa, mas, desde a virada do século, o foco principal de seu trabalho tem sido o *Earth Activist Training*. Juntamente com uma matriz mutável de coprofessores/as, no *Earth Activist Training*, Starhawk combina cursos certificados de *design* de permacultura com uma base no espírito e foco na organização e ativismo. Eu não vou discutir a permacultura porque não há aqui espaço para isso, mas basta dizer que as pessoas graduadas em um curso da *Earth Activist Training* saem com uma base sólida nas habilidades que os/as futuros/as habitantes imaginários/as de São Francisco precisariam se tivessem de produzir alimentos nas ruas, conservar e gerir a água, bem como a experiência de construção de comunidades através do trabalho ritual e comunitário. De modo mais comovente, tendo em mente os acontecimentos em Gaza no início de maio de 2018, Starhawk atuou como testemunha da paz na Palestina, trabalhando com ativistas da paz palestinos/as e israelenses, bem como testemunhando a paz na Nicarágua. Meu objetivo é demonstrar que a própria Starhawk já está engajada e treinou milhares de pessoas nas tecnologias materiais e sociais das quais depende seu imaginado futuro antiopressivo. Ao adaptar seu romance para a tela, ela espera inspirar um público muito mais amplo a procurar esses recursos por si mesmos/as.

A campanha de financiamento coletivo, disponibilizada por Starhawk e coprodutores/as na plataforma *Kickstarter*, para angariar fundos que possibilitem a adaptação cinematográfica do romance junto a patrocinadores/as de Hollywood, foi explícita em demonstrar que o plano dos/as produtores/as era suplementar a adaptação proposta com um *website* que direcionasse os/as espectadores/as para aqueles recursos e que, além disso, queriam que o filme incorporasse valores

verdes e valores de justiça social. Como escritores/as e leitores/as de *The fifth sacred thing*, sua visão era de aumentar e acelerar a adoção de modos de vida que acreditam ser melhores para as pessoas e para o planeta. Conforme disseram na declaração do *Kickstarter*:

Dizem que filmes são sonhos coletivos. Se assim for, estamos caminhando para um pesadelo, pois há muito poucos filmes que mostram um futuro positivo na Terra. Nós queremos mudar isso. Como podemos criar um futuro próspero, justo e equilibrado se nem podemos imaginá-lo? Queremos dar vida a uma visão que pode inspirar as pessoas – e encontramos a história no romance de Starhawk, *The fifth sacred thing* [...]. Queremos ser fiéis aos valores do cuidado da terra e da justiça social que o livro representa. Não apenas no que o filme retrate, mas também no modo como faremos isso. Escrevemos um Plano Verde que definirá novos padrões de responsabilidade ambiental na indústria cinematográfica. Vamos trazer recursos para o centro da cidade por meio de redes com organizações comunitárias com as quais temos relacionamentos de longa data. Colocaremos um site com muitos recursos e desenvolveremos muitas formas de as pessoas inspiradas pela visão aprenderem as habilidades necessárias para criar e se conectar com outras pessoas que a compartilham. Queremos que o filme ajude a nutrir e apoiar os movimentos que já estão crescendo para colocar nosso mundo em um caminho de paz, justiça e harmonia ecológica (*The Fifth Sacred Thing*, 2011).

A intenção original expressa na campanha de financiamento coletivo era produzir um longa-metragem, mas, durante o processo de lançamento do projeto em Hollywood, tornou-se muito mais provável que a adaptação – caso uma parceria de produção fosse encontrada para fornecer o apoio financeiro necessário – fosse uma série dramática feita para a televisão aberta, talvez a cabo ou para um serviço de *streaming*. Desde 2011, alguns/umas coprodutores/as deixaram o projeto, e outros/as se uniram no longo e incerto processo de adaptação para a tela. Porém cada um/a dos/as produtores/as que desenvolveram a campanha de financiamento coletivo, bem como aqueles/as que se juntaram à equipe ou substituíram membros da produção ao longo do processo, foram inspirados/as a desenvolver o romance para a tela por causa de algum elemento que era utópico para eles/as – fosse a forma liberada como a sexualidade era imaginada, o desmantelamento do privilégio branco, a atenção ao reparo do dano ecológico ou mesmo a complexa mistura de tudo neste futuro imaginado. A esperança de lançar uma campanha de financiamento coletivo era de que grande parte do público leitor de *The fifth sacred thing* se sentisse da mesma forma e, portanto, oferecesse apoio financeiro. Suas esperanças foram cumpridas quando a meta de US\$60.000 foi superada. US\$76.327 foram arrecadados de 1.431 pessoas. As menores doações custaram entre US\$

1 e US\$ 5 e as maiores US\$2.500 (três do total).

Alguns dos comentários que li no *Kickstarter*, em 2011, fizeram com que eu quisesse saber mais sobre as pessoas que apoiaram o projeto, se poderiam já ter sido impelidas ao ativismo lendo *The fifth sacred thing*. Alguns dos comentários postados nas páginas do site por apoiadores/as do projeto me levaram a suspeitar que isso era provável. Por exemplo, uma pessoa escreveu: “O livro foi transformador – o filme alcançará tantos espíritos (e fará o resto pensar sobre o que realmente está acontecendo em nosso mundo); ficarei tão feliz de ver isso chegar à telona!” Outro escreveu:

A história é maravilhosa. Como ativista, tenho achado difícil imaginar um mundo em que quero viver. Star, eu acho que você aprendeu muito desde que escreveu este livro. Eu não acho que você queira mudar a história, mas talvez você possa usar o que aprendeu para elaborar ainda mais o cenário.

E outra ainda comentou:

The fifth sacred thing ressoou tão profundamente em mim e é assustador ver algumas das partes mais terríveis se tornando realidade (venda de água, destruição da Terra por recursos [fraturamento hidráulico]). Também é animador ver tantas pessoas tentando fazer a diferença. Estou honrada em ser uma delas.

Desde então, entrevistei um número de pessoas que apoiaram o projeto e elas participaram coletivamente de uma série de práticas iguais às dos/as protagonistas do romance. Dentre as pessoas entrevistadas estão uma artista ambiental, uma trabalhadora voluntária em uma floresta de alimentos urbana, veteranos e veteranas de ação direta não-violenta e de comunidades intencionais. Algumas pessoas já haviam começado a buscar alternativas utópicas ao *status quo* antes de terem lido o romance, enquanto outras foram inspiradas pela leitura a buscar e desenvolver práticas singulares relacionadas à visão do romance.

Durante o processo de apresentação da proposta de *The fifth sacred thing* para produtores/as de cinema, Starhawk e colaboradores/as foram avisados/as de que seria útil se tivessem uma continuação da história que se passasse no universo ficcional de *The fifth sacred thing*, então, Starhawk passou vários anos trabalhando em *City of refuge*² e, em 2015, lançou outra campanha de financiamento coletivo para permitir o financiamento de sua publicação. Os/as editores/as consultados/as afirmaram que não haveria mercado para uma sequência publicada mais de vinte anos depois do romance original. O público leitor de *The fifth sacred thing* provou que os/as

² Em tradução livre: *Cidade de refúgio*.

editores/as estavam errados e US\$ 79.090 foram arrecadados por 1.481 pessoas em apenas 27 dias. Comentários postados *on-line* por apoiadores/as do projeto salientam a noção de que faziam parte de uma comunidade de apoio mútuo e da importância da produção cultural para o ativismo social. Uma pessoa escreveu:

O sucesso deste projeto faz bem ao meu coração! Não é maravilhoso saber que hoje em dia não precisamos depender do *Establishment* covarde e ganancioso para publicar nosso trabalho? Muita gente está orgulhosa das realizações de Starhawk e ansiosa para ler a continuação de *The fifth sacred thing* e deixamos isso claro. Parabéns!

Outra escreveu:

Uau!!! Estou absolutamente maravilhada com o apoio da comunidade para este projeto fabuloso e mágico! É incrível o que podemos criar quando nos reunimos! Estou tão emocionada por Starhawk, que inspirou e continua a inspirar tantos/as de nós! Abençoada seja!

E ainda outra comentou:

The fifth sacred thing é a minha história favorita de todos os tempos. Já a li pelo menos uma vez por ano nos últimos 18 anos... geralmente no outono, perto do Samhain. A Declaração das Quatro Coisas Sagradas é meu credo e os personagens são queridos amigos que tocam meu coração, transformam minha Alma e me estimulam para a ação correta. Iniciei muitas outras pessoas nessa história poderosa e estou muito entusiasmada em apoiar este projeto e ler a continuação em breve! Bênçãos brilhantes para você, Starhawk, e para todos/as os/as fãs e entes queridos nesta comunidade. Mitakuye Oyasín ~ Aho.

Ao discutir tanto os projetos da campanha quanto os dois romances, estou interessada no caráter iterativo do imaginativismo ou das utopias cotidianas. A inscrição de uma comunidade utópica imaginada não se limita às concretizações que já mencionei. Em 2016, Starhawk realizou uma série de palestras – em grande parte na costa oeste dos Estados Unidos – que, em um nível, poderia ser entendida simplesmente como uma turnê promocional, uma vez que ela discutia os temas de seu novo romance e, após as palestras, os/as participantes poderiam comprar cópias das duas obras – *City of refuge* e *The fifth sacred thing*. No entanto, as palestras foram assistidas por

um grupo de pessoas pagãs, permacultoras, feministas e ativistas ambientais, e Starhawk falou sobre sua ficção, tanto em termos das questões-chave que a animavam quanto em relação ao contexto social e político em que foram escritas. Em relação a *The fifth sacred thing*, a discussão era sobre o uso da não-violência como resposta à violência e quanto a *City of refuge*, como as pessoas constroem uma nova sociedade quando são profundamente prejudicadas pela antiga. Estas são questões sobre as quais Starhawk pensa e escreve em suas análises do poder e da ordem social. Ela, então, falou sobre seu trabalho em relação a questões urgentes de justiça social, racial e ambiental e em relação a questões levantadas pelo público a respeito de estratégias para resistir ou contestar a ordem social vigente. Então, o que pode ser entendido grosseiramente como uma estratégia de *marketing*, também foi um serviço inestimável para as comunidades desalentadas pela eleição de Trump, pelo fraturamento hidráulico e pelos oleodutos conduzidos pelas terras dos povos nativos americanos, ou pelos repetidos ataques violentos contra pessoas negras nos Estados Unidos, que levou à formação do movimento *Black Lives Matter*. Starhawk também aproveitou a oportunidade para falar sobre o trabalho inspirador que outros/as estavam fazendo. Por exemplo, em Portland, ela pôde se referir ao trabalho de seu anfitrião, o projeto *City Repair*.³ O *City Repair* descreve seu trabalho da seguinte maneira:

O City Repair facilita a criação de lugares artísticos e ecologicamente orientados através de projetos que honram a interconexão das comunidades humanas e do mundo natural. O City Repair realizou muitos projetos por meio de uma equipe de voluntários/as e milhares de cidadãos/ãs ativistas voluntários/as. Oferecemos apoio, recursos e oportunidades para ajudar diversas comunidades a recuperar a cultura, o poder e a alegria que todos/as nós merecemos (The City Repair Project).

Mark Lakeman, co-fundador do *City Repair*, possui pós-graduação em um dos Cursos de Treinamento do *Earth Activist*, de Starhawk, estabelecendo um nó nas redes em espiral de ativismo e inspiração utópica em que Starhawk está enredada. Ao trazer uma plateia para ouvir Starhawk falar sobre sua ficção e o contexto político e social de sua produção e recepção, o *City Repair* viabilizou uma leitura engajada de sua obra, que vincula seus/as leitores/as, desde o início, a uma leitura que está envolvida com ativismo de maneiras interessantes. Eu não afirmo que todos os indivíduos que leem a sua ficção irão se engajar imediatamente em justiça social ou ativismo ambiental, mas, através de seu próprio ativismo, seus textos de não ficção, bem como sua ficção, e através da apresentação cara-a-cara de suas ideias, ela está ajudando o seu público leitor a ampliar as possibilidades de futuros melhores que possam imaginar.

³ Em tradução livre: *Reparo da Cidade*.

Juntas, Starhawk, Walidah Imarisha e adrienne maree brown formam nós em redes de intersecção de ativismo social nos Estados Unidos. Um ponto interessante de intersecção é através do *The transformative justice strategic sci-fi reader*⁴ – um panfleto “escrito e preparado para a *Allied Media Conference* de 2012” – com coautoria de adrienne maree brown, Alexis Pauline Gumbs, Leah Lakshmi Piepzna-Samarasinha e Jenna Peters-Gilden (brown et al, 2012). A conferência acontece anualmente em Detroit desde 2007, mas a história da organização é mais antiga. De acordo com seu site: “A *Allied Media Conference* é um evento desenvolvido colaborativamente, organizado com cuidado todos os anos por mais de 100 coordenadores/as voluntários/as. O conteúdo da conferência explora as interseções entre mídia e comunicações, arte, tecnologia, educação e justiça social” (Allied Media Project). A conferência tem como foco a mídia participativa como uma estratégia para a organização da justiça social, por isso é instrutivo observar a forma como esse grupo de autores/as interpreta a participação como uma estratégia de leitura e escrita.

Um dos capítulos do compêndio, escrito por Leah Lakshmi Piepzna-Samarasinha, chama-se “*Woman on the edge of time and The fifth sacred thing: two white, feminist, transformative justice utopias with interesting ideas and also problems.*”⁵ Neste capítulo, ela retorna às ficções utópicas feministas que leu “quando criança”, porque diz que elas “moldaram minha busca por formas alternativas de justiça com um olhar apreciativo e um crítico” (Piepzna-Samarasinha, 2012, p. 22). Leah realiza leituras bastante empáticas de ambos os romances, mas oferece alguns pontos específicos de crítica, bem como constata que gosta dos livros

porque são modelos realistas e imperfeitos de lidar com abuso sexual e violência íntima, sem policiais, mas que também são bastante concretos. Além disso, são indubitavelmente filtrados através das lentes raciais brancas de suas autoras. Tanto Piercy quanto Starhawk são brancas, mulheres cis, judias, uma da classe trabalhadora, uma da classe média, que escrevem futuros multirraciais através das lentes de seu feminismo branco. Tais lentes, bem como as formas como promovem e não promovem o antirracismo, sem dúvida afetam como elas podem imaginar a justiça no mundo dos sonhos que virá (Piepzna-Samarasinha, 2012, p. 22).

A biografia no site de Leah a identifica como: “escritora de *queer* não binária, portadora de necessidades especiais e trabalhadora cultural de Burger/Tamil, Sri Lanka, de ascendência

⁴ Em tradução livre: *Compêndio estratégico da ficção científica de justiça transformadora.*

⁵ Em tradução livre: “*Woman on the edge of time* e *The fifth sacred thing*: duas utopias brancas, feministas, de justiça transformadora, com ideias interessantes e também problemas.” *Woman on the edge of time* [Mulher à beira do tempo] é um famoso romance da escritora estadunidense Marge Piercy.

irlandesa/de Roma (*sic*)”, e registra que ela é a artista principal do coletivo de performance e justiça em favor de deficientes *Sins Invalid*, com o qual ensina, realiza e faz palestras em toda a América do Norte. Sua biografia na antologia *Octavia’s Brood*, que também teve sua contribuição, acrescenta: “Ela se organizou em torno de questões de justiça transformadora, justiça em favor de deficientes e ensino e aprendizagem radicais por vinte anos” (Imarisha; brown, 2015, p. 291). Obviamente, não estou afirmando um nexos causal direto entre sua leitura da ficção utópica feminista e seu ativismo, mas a nota biográfica com a qual ela começa o ensaio em *The transformative justice strategic sci-fi reader*, juntamente com a maneira como ela decompõe as formas pelas quais tais textos são e não são bem-sucedidos em imaginar a justiça transformadora que explicita os vínculos entre o trabalho que ela fez como leitora e ativista, acrescenta o ciclo adicional de sua abertura a essas possibilidades para o público leitor para o qual escreve. No mesmo compêndio, o capítulo de adrienne é listado no índice como “*why The Dispossessed is required reading*”.⁶ Ela diz a seus/as leitores/as que

parte da razão pela qual eu leio ficção científica de maneira tão apaixonada, *geek* e cuidadosa é porque eu quero aprender como os humanos dão existência à imaginação e à visão. eu tenho feito parte de movimentos que tentam melhorar o mundo durante toda a minha vida consciente e tenho notado que temos um grande *déficit* de imaginação nesse trabalho (brown, 2012, p. 33).

Ela continua:

somos habilidosos em criticar, analisar, desconstruir, memorizar, reiterar, reclamar e odiar o sistema (capitalismo), as pessoas que detêm o poder no sistema, as que são cúmplices dele e, é claro, nós mesmos/as. e estas são habilidades importantes, em seu devido lugar: elas nos ajudam a compartilhar um quadro complexo, estabelecer as bases para a estratégia, desabafar [...]. às vezes articular os problemas nos ajuda a sobreviver para trabalhar outro dia. mas tenho esse anseio por visões e sonhos audaciosos que nos levam adiante, que estimulam e incitam e nos guiam através e ao redor e acima dos sistemas atuais (brown, 2012, p. 33).

Em seguida, ela faz uma leitura fechada de uma seção de *Os despossuídos* para demonstrar as maneiras pelas quais Le Guin reimagina a justiça, mas evita entrar em mais detalhes sobre o romance, convidando seus leitores e suas leitoras a lê-lo e, como Leah, ela dá instruções para a leitura: “Eu quero que você leia este livro com todo o seu coração e sua curiosidade, por isso eu não

⁶ Em tradução livre: “por que *Os Despossuídos* constitui leitura obrigatória.” *Os despossuídos* é um romance escrito por Ursula K. Le Guin.

vou revelar mais do que isso agora. Mas leia o romance como um bilhete de amor, como inspiração, como um conjunto específico de diretrizes sobre como existir de modo diferente” (brown, 2012, p. 34). Tendo emitido essa prescrição, adrienne continua escrevendo uma seção sobre Octavia Butler e uma estratégia emergente que não está listada no sumário. Ela explica a gênese coletiva do trabalho que publicou recentemente em forma de livro, *Emergent strategy: shaping change, shaping worlds*:⁷

nos últimos dois anos, a comunidade de mídia aliada vem construindo uma análise compartilhada da escrita de ficção científica de Butler. nós sabíamos, por meio de conversas casuais, tarde da noite, que o trabalho dela estava nos impactando muito seriamente em um nível pessoal – mas nós queríamos explorar como poderíamos aplicar sua sabedoria no nível da organização política (brown, 2012, p. 34).

adrienne explica que membros do mesmo coletivo também estavam “aprendendo sobre outras teorias científicas e seu surgimento, as quais pareciam realmente capturar as abordagens que estávamos usando em nosso trabalho político” (brown, 2012, p. 34). Ela sugere que a questão que estavam procurando explorar era se poderiam desenvolver mentes estratégicas em vez de planos estratégicos, e que o trabalho de Butler oferecia uma linguagem e um processo para falar sobre fazer um trabalho que é estratégico, porque aceita o poder emergente de mudar as condições.

A coeditora de adrienne na antologia *Octavia's Brood*, Walidah Imarisha, começou a aprender sobre política e organização por meio de um estágio na *Community Alliance of Lane County*, quando era uma adolescente brilhante, um tanto quanto insatisfeita com seu currículo de escola pública. Por volta da mesma época, o romance de Marge Piercy, *Woman on the edge of time*, foi sua introdução à ficção científica feminista. Walidah é grata pelo romance de Piercy ter sido sua introdução porque ajudou a moldar sua política. Deu-lhe esperança para um futuro que enfoca as pessoas *queer* e trans de cor, com uma lente de alegria.

Na época em que ela começou a trabalhar com adrienne marea brown para montar o projeto que se tornou a coleção *Octavia's Brood*, cada uma delas vinha usando a ficção científica em sua organização da justiça social há anos. Na verdade, ambas haviam oferecido oficinas usando ficção científica no Fórum Social dos EUA, de 2010, em Detroit – um espaço para criar as soluções para a crise econômica e ecológica. A oficina de Walidah trabalhou com o conceito de ficção visionária, que ela estava desenvolvendo com outra colaboradora, Morrigan Phillips; e adrienne tinha se concentrado na estratégia emergente. Após o evento, adrienne contatou Walidah por e-mail e

⁷ Em tradução livre: *Estratégia emergente: moldando mudança, moldando mundos*.

perguntou se ela gostaria de trabalhar na coedição de um livro e a colaboração começou a partir daí. Walidah estava em Portland, Oregon, e adrienne em Detroit, Michigan, então sua colaboração foi mediada por e-mail e *Skype*, enquanto cada uma delas era apoiada em seu ativismo e sua visão do projeto por suas comunidades locais e pela comunidade mais extensa dos EUA, ativistas da justiça social convidados/as pelo Fórum Social dos EUA e pela *Allied Media Conference*. Na condição de uma das principais organizadoras dos projetos da *Allied Media* e do Fórum Social dos EUA, adrienne estava profundamente envolvida com a construção do movimento social após anos de trabalho com organizações de mudança social. Sua colaboração com Walidah se beneficiou da experiência de ambas no trabalho com movimentos, do amor pela ficção científica, bem como da experiência e especialização delas enquanto escritoras e editoras. Ambas veteranas de múltiplas colaborações, elas apreciaram as forças complementares que cada uma acrescentou.

Na introdução à coletânea *Octavia's Brood*, com subtítulo *Science fiction stories from social justice movements*⁸, Walidah escreve:

Sempre que tentamos imaginar um mundo sem guerra, sem violência, sem prisões, sem capitalismo, aderimos à ficção especulativa. Toda a organização é ficção científica. Organizadores/as e ativistas dedicam suas vidas para criar e vislumbrar outro mundo, ou muitos outros mundos – então, que melhor local para os/as organizadores/as explorarem seu trabalho do que as histórias de ficção científica? Essa é a premissa por trás do livro que você tem em mãos (Imarisha; brown, 2015, p. 3).

Apesar dessas afirmações sobre ficção científica e do subtítulo do livro – *Science fiction stories from social justice movements* – Imarisha não está satisfeita com esse termo e explica que:

‘ficção visionária’ é um termo que desenvolvemos para distinguir a ficção científica que tem relevância para construir mundos novos e mais livres daquela ficção científica mais convencional, que na maioria das vezes reforça as narrativas dominantes de poder. A ficção visionária engloba todo o fantástico, com o arco sempre voltado para a justiça (Imarisha; brown, 2015, p. 4).

Ela define os seguintes princípios para a ficção visionária:

- A ficção visionária engloba ficção científica, fantasia, horror, realismo mágico, linhas do tempo alternativas e muito mais. É uma literatura fantástica que nos ajuda a entender a dinâmica de poder existente e nos ajuda a imaginar caminhos para criar futuros mais justos;

⁸ Em tradução livre: *Histórias de ficção científica dos movimentos da justiça social*.

- É realista e difícil, mas esperançosa;
- A mudança vem de baixo para cima, não de cima para baixo;
- A mudança é coletiva, comunitária, descentralizada;
- A mudança centra-se nas pessoas e é relacional;
- A mudança centra a liderança daqueles/as que foram marginalizados/as e centraliza a liderança daqueles/as que vivem nas intersecções de identidades e opressões.

Os/As colaboradores/as das coleções trabalharam a partir desses princípios e a equipe da *Octavia's Brood* continua a oferecer *workshops* apresentando uma ampla variedade de pessoas investidas em justiça social para escrever ficção visionária.

Nesta última seção, antes de concluir, concentro-me não no conteúdo dos contos, mas no processo que Walidah e adrienne desenvolveram para trazer o livro à existência e usá-lo como uma plataforma para o trabalho de justiça social. Walidah e adrienne convidaram as pessoas em suas redes organizadoras para contribuir com contos para a antologia proposta e trabalharam intensivamente as histórias em *workshops*, com muitas delas passando por várias rodadas de edição, até que as coeditoras estivessem confiantes de que as autoras e autores haviam extraído todo o potencial visionário de suas histórias. Para algumas pessoas que contribuíram com a coletânea, esta foi a primeira vez que escreveram ficção, mas foram inspiradas pela visão e compromisso das coeditoras, e pela perspectiva de homenagear Octavia Butler. Elas também planejaram uma turnê com a antologia concluída – mas de sua publicação – ministrando leituras e liderando oficinas de escrita coletiva, bem como promovendo a organização de sessões de estratégia que se inspiram na ficção científica. Tendo reunido as histórias, assim como Starhawk, Walidah e adrienne se voltaram para a mídia social e financiamento coletivo através da plataforma *Indiegogo* para garantir que *Octavia's Brood* se tornasse realidade. Ao apresentar sua campanha, elas disseram:

Somos adrienne maree brown e Walidah Imarisha, duas organizadoras comunitárias, educadoras, escritoras e *nerds* autoproclamadas. Trabalhamos individual e coletivamente para unir as qualidades visionárias da ficção científica/especulativa com a prática radical de organização comunitária.

Pensamos que não havia melhor maneira de fazer isso do que com o nosso projeto de livro atual: *Octavia's Brood: science fiction stories from social justice movements*. Trata-se de uma antologia de ciência radical e ficção especulativa escrita por organizadores e ativistas (*Octavia's Brood*).

Elas publicaram uma galeria de vídeos estabelecendo sua visão, incluindo entrevistas com muitos/as dos/as colaboradores/as que explicaram o que o projeto significava para eles/as. Para sua campanha de 45 dias na plataforma *Indiegogo*, elas estabeleceram uma meta de US\$ 8.277 e conseguiram levantar US\$ 17.349 de 550 apoiadores/as. Apesar de seu sucesso na captação de recursos, o processo não foi fácil. Em outubro de 2014, alguns meses após a data planejada de publicação, que teria sido no 67º aniversário de Octavia Butler, Walidah Imarisha anunciou uma mudança de processo para quem a apoiava na *Indiegogo*.

Nossa intenção original era fazer uma publicação independente. Como editoras, nós duas sabíamos que seria uma grande quantidade de trabalho, mas estávamos comprometidas com isso. No entanto, uma vez imersas no processo, descobrimos que era ainda mais trabalho do que poderíamos imaginar. Acabou sendo mais do que realmente tínhamos capacidade de fazer sozinhas, especialmente à medida que nos movemos para a etapa da distribuição. Queríamos, acima de tudo, assegurar que a *Octavia's Brood* fosse a antologia de mais alta qualidade, para honrar o amor que nós, editoras – assim como todos/as os/as escritores/as e todos/as que doaram e apoiaram o projeto – canalizamos nos últimos quatro anos e meio. Decidimos que trabalhar com uma editora alinhada com nossos objetivos nos permitirá realmente nos concentrar mais nas turnês, *workshops* e compartilhar o trabalho com todos/as vocês de maneiras que vão além de apenas leituras de livros (*Octavia's Brood*).

Imarisha e brown tinham estabelecido uma tarefa nada fácil de cumprir, que era a edição e publicação dos livros um ano após o lançamento de sua campanha na plataforma *Indiegogo*, mas, como haviam anunciado em uma atualização anterior nessa plataforma, naquele ano perceberam que, apesar de seu compromisso de trabalhar intensivamente no projeto, era impossível entregá-lo a tempo. Isso ocorreu devido à preocupação compartilhada de que o projeto fosse realizado com um padrão adequadamente alto e pelo reconhecimento de seus próprios limites pessoais em termos de energia. O fato de elas terem comunicado isso de forma transparente na *Indiegogo* constitui um testemunho de seu compromisso de prefigurar um mundo justo. O livro foi publicado pela AK Press – um coletivo operário que publica e distribui livros radicais, mídia visual e de áudio – em março de 2015, com uma capa incrivelmente impressionante de autoria de John Jennings. Elas também, individual e coletivamente, continuam a oferecer oficinas de ficção visionária. Eu participei de um *workshop* de 90 minutos liderado por Walidah Imarisha, em Amsterdã, em fevereiro de 2018, e foi surpreendente ver a criatividade estimulada por esses princípios aplicados a

histórias visionárias relacionadas a uma série de questões sociais e ambientais prementes. Em maio de 2018, quando este trabalho foi apresentado no evento Movências Interdisciplinares da Utopia – MINUTO 1, Walidah estava no Zimbábue, ministrando oficinas de ficção visionária, demonstrando um pouco do incrível alcance que *Octavia's Brood* tem tido.

Quero concluir esclarecendo o que me entusiasma sobre o trabalho de Starhawk, Walidah e adrienne. Em um artigo de 2013, Moya Bailey argumenta sobre adrienne maree brown: “brown é uma mestre de padrões. Ela une as comunidades através do fio da escrita de Octavia Butler em cursos colaborativos que são delineados em torno do conteúdo curadoriado de seu *Octavia Butler strategic reader*”⁹ (Bailey, 2013). Esse compêndio é um predecessor do já mencionado *The transformative justice strategic sci-fi reader*. Starhawk e Walidah também são mestras de padrões, reunindo comunidades em torno da ficção científica e através de outros trabalhos de organização, fomento e treinamento que atendem à justiça social e ambiental. Elas inscrevem leitores/as e escritores/as em suas visões de futuros transformados e fazem o trabalho de transformar o futuro através da organização ancorada no cotidiano enquanto líderes, participantes e aliadas no movimento social em múltiplas escalas. Os textos aqui mencionados – *The fifth sacred thing*, *City of refuge* e *Octavia's Brood* – envolvem seu público leitor em genealogias/comunidades de feminismo, antirracismo, ambientalismo, anarquismo, ficção científica e assim por diante. A capacidade de seus autores e de suas autoras de combinar compromissos pragmáticos e práticos para fazer as coisas com visões de justiça transformadora, bem como sua capacidade de articular a importância dessa combinação, evoca os investimentos utópicos que muitas leitoras e leitores sempre encontraram no potencial que a ficção científica tem para mudar o mundo. Mais do que isso, estabelecem seus próprios investimentos utópicos na liberação da imaginação – e na capacidade de comunicar essa libertação de forma eficaz através da escrita e da leitura – movendo-se em um processo iterativo baseado em suas próprias experiências de efetuar mudanças através de suas práticas de escrita e leitura. Voltando nossa atenção por um momento para a imagem da cama de gato que Donna Haraway usa para pensar, para ser eficaz, os padrões que formam e os fios que desenham precisam ser apanhados por outros/as leitores/as, escritores/as – e ativistas –, trabalhados e passados adiante. Eu acredito que as escritoras aqui mencionadas são particularmente eficazes em oferecer os padrões a serem escolhidos por uma série de razões:

- Escrevem de forma acessível em vários gêneros e em várias plataformas;

⁹ Em tradução livre: *Compêndio estratégico da Octavia Butler*.

- Aproveitam cada oportunidade possível para falar em público sobre seus compromissos políticos e seu trabalho criativo, bem como para vinculá-los explicitamente;
- Esforçam-se para compartilhar as habilidades de organização e prática criativa e se concentram na importância da imaginação coletiva;
- Esforçam-se para incorporar a justiça social, racial e ambiental, que vislumbram através de suas práticas diárias, e tornam esse trabalho e luta transparentes em sua comunicação pública;
- Por meio do próprio exemplo, impulsionam outras pessoas, no sentido mais amplo da palavra, para mostrar que é mais possível do que imaginavam anteriormente.

Seu trabalho é imaginativismo em jogo. Pedem-nos para imaginar o ativismo e fazê-lo usando os princípios da ficção visionária. Elas demonstram em seu trabalho e em suas vidas o entrelaçamento entre a imaginação e o ativismo, e nos oferecem maneiras de usar esse entrelaçamento consciente e estrategicamente. Elas fazem a diferença e nos lembram de que também podemos fazer parte de um coletivo amplamente distribuído que sabe que outro mundo é possível.

Tradução: Pedro Fortunato
Revisão: Felipe Benicio

Referências

- ALLIED MEDIA PROJECT. Disponível em: < <https://www.alliedmedia.org/amc/background> >. Acesso em: 22 fev. 2018.
- brown, adrienne maree et al. *The transformative justice strategic sci-fi reader*. Detroit: Allied Media Conference, 2012.
- brown, adrienne maree. why *The Dispossessed* is required reading? In: brown et al. *The transformative justice strategic sci-fi reader*. Detroit: Allied Media Conference, 2012.
- COOPER, Davina. *Everyday utopias*. Durham and London: Duke University Press. 2014.
- HARAN, Joan. Instantiating Imaginativism: Le Guin's *The Dispossessed* as inspiration. *Ada: a journal of gender, new media & technology*, v 12, 2017.
- HARAN, Joan; KING, Katie. Science fiction feminisms, feminist science fictions & feminist sustainability. *Ada: a journal of gender, new media & technology*, v.3, 2013.
- HARAWAY, Donna. A game of cat's cradle: science studies, feminist theory, cultural studies.

Configurations, v. 2, n. 1, p. 59-71, 1994.

_____. SF: Science Fiction, Speculative Fabulation, String Figures, So Far. 2011. Disponível em: <<https://people.ucsc.edu/~haraway/Files/PilgrimAcceptanceHaraway.pdf>>. Acesso 20 mar. 2018.

_____. Sowing worlds: a seed bag for terraforming with earth others. In: GREBOWICZ, Margret; MERRICK, Helen. *Beyond the cyborg: adventures with Donna Haraway*. New York: Columbia University Press, 2013.

IMARISHA, Walidah; brown, adrienne maree (Eds.). *Octavia's Brood*. Oakland: AK Press, 2015.

PIEPZNA-SAMARASINHA, Leah Lakshmi. *Woman on the edge of time* and *The fifth sacred thing*: two white, feminist, transformative justice utopias with interesting ideas and also problems. In: brown et al. *The transformative justice strategic sci-fi reader*. Detroit: Allied Media Conference, 2012. p. 22-32.

OCTAVIA'S brood: science fiction stories from social justice movements. *Indiegogo*. Disponível em: < <https://www.indiegogo.com/projects/octavia-s-brood-science-fiction-stories-from-social-justice-movements#/> >. Acesso em 22 fev. 2018.

ROBINSON, Kim Stanley. *Pacific edge*. New York: Orb Books, 1995.

STARHAWK. *The fifth sacred thing*. New York: Bantam Books, 1994.

STARHAWK. *City of refuge*. San Francisco: Califia Press, 2015.

THE CITY Repair Project. Disponível em: < <http://www.cityrepair.org/> >. Acesso em: 22 fev. 2018.

THE FIFTH sacred thing. *Kickstarter*. Disponível em: < <https://www.kickstarter.com/projects/fifthsacredthing/the-fifth-sacred-thing> >. Acesso em: 22 fev. 2018.

Este projeto recebeu financiamento do programa de pesquisa e inovação Horizonte 2020 da União Européia, sob o Marie Skłodowska-Curie Grant Agreement No. 661561